



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

SOCIOLOGIA DA LITERATURA E O CAMPO EM RONDÔNIA: A BUSCA PELA AUTONOMIA

Rafael Ademir Oliveira de Andrade (Universidade Federal de Rondônia - UNIR)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar o campo literário em Rondônia no contexto do diálogo do Movimento Madeirista com os atores regionalistas e analisar o processo de autonomia do campo literário a partir da leitura das perspectivas destes movimentos e de seus atores engajados. Para desenvolver este processo, utilizaremos da teoria da sociologia da literatura de Pierre Bourdieu e outros teóricos que trabalham com o conceito de campo e autonomia, apresentando uma revisão teórica dessas contribuições e relacionando com o contexto social e das estruturas do campo literário aqui apresentado, focado na literatura em Rondônia do final do século XX até a primeira década do século XXI, apontando uma leitura possível de análise da produção literária em Rondônia sobre esta perspectiva.

PALAVRAS CHAVE: Sociologia da Literatura, Autonomia, Rondônia.

ABSTRACT: This paper aims to present the literary field in Rondônia in the context of dialogue of the Madeirista Movement with the regionalists actors and analyze the process of autonomy of the literary field from reading the perspectives of these and its engaged actors. To develop this process, we use the theory of sociology of literature of Pierre Bourdieu and other theorists who work on the concept of field and autonomy, with a theoretical review of these contributions and relating to the social context and structures of the literary field presented here, focused Rondônia in the literature of the late XX century until the first decade of XXI century, pointing to a possible reading of analysis of the literary production in Rondônia on this perspective.

KEY-WORDS: Sociology of Literature, Autonomy, Rondônia.

1. Introdução

Neste trabalho, pretendo apresentar elementos da teoria da sociologia da literatura com o objetivo de discutir a conjunção entre produção literária e a realidade social em que estão inseridos autores, obras, instituições de divulgação e público consumidor no campo literário em Rondônia a partir do diálogo entre a perspectiva do movimento Madeirista em relação à visão da produção regionalista no Estado de Rondônia e a busca pela autonomia do campo das produções no Estado.

O principal teórico abordado para realizar tais leituras será Pierre Bourdieu, utilizando o conceito de campo social e teorias relacionadas a este conceito, além de teóricos como Casanova, Candido, Nogueira & Nogueira, Coutinho. Neste trabalho realizarei uma apresentação deste momento histórico e social específico do campo literário de Rondônia sobre esta perspectiva teórica.

Como ponto de partida, afirmo que a sociologia da literatura não fundamenta a escrita ficcional como criação de um homem singular e a reivindicação da leitura (interpretação) dos textos unicamente a partir dos valores internos da obra literária. Segundo esta afirmação, as ciências sociais não seriam capazes de realizar uma análise científica dos livros e da leitura, pois, a sociologia teria um “pacto” (uma relação estrita) com os números, com os dados, diminuindo assim o caráter singular da criação literária, o que de fato não ocorre, e a extensa produção da sociologia da literatura afirma que a sociologia se relaciona com as artes e pode interpretá-la de forma concisa.

Antonio Candido, sociólogo brasileiro, compreende que a área de atuação da sociologia da literatura como: “pesquisar a voga de um livro, a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as ideias, a influência da organização social, econômica e política, etc.” (CANDIDO, 1985, p.04). Neste trabalho, pretendo analisar a relação entre os autores dos movimentos aqui analisados e sua definição de arte enquanto posição política.

O teórico Pierre Bourdieu busca firmar em seu discurso a relação entre literatura e sociedade. Compreendendo a criação literária como um produto da ação humana, formada e tornada conhecida a partir das relações de poder dentro dos campos sociais. Uma análise sociológica da criação literária busca a análise científica das condições

sociais na produção e recepção, das relações sociais do autor e “não visa dar a ver, ou a sentir, mas construir sistemas de relação inteligíveis capaz de explicar os dados sensíveis” (BOURDIEU, 1992, p. 14) presentes na criação literária.

Neste sentido, apresentaremos este ponto específico do campo literário em Rondônia à luz do diálogo entre o movimento Madeirista e os atores engajados com a produção regionalista tendo como foco a busca pela autonomia do campo.

2. O Campo Literário em Rondônia a partir da perspectiva do diálogo entre os movimentos Madeirista e Regionalista.

Neste trabalho, a proposta é apresentar uma possível busca pela autonomia do campo literário em Rondônia no ensejo do confronto entre os Movimentos Madeiristas e Regionalistas. Para cumprir este objetivo, inicio a discussão apresentando os movimentos literários e suas intenções com relação ao campo.

Em 10 de janeiro de 1999, foi publicado, no jornal *Alto Madeira*, o Manifesto Madeirista. Um documento assinado pelos intelectuais e artistas Alberto Lins Caldas, Carlos Moreira, Joesér Álvares, Gláucio Giordanni e Bira Lourenço. O manifesto Madeirista é o ponto de partida para o confronto que se desenrola até os dias atuais.

Este movimento surgido no seio da Universidade Federal de Rondônia se apresentou enquanto um elemento de contestação do que era considerada arte na época e por esta característica violenta e sarcástica de fala pública, foi marcado pelo intenso confronto com os agentes que não se encaixavam na sua linha de perspectiva literária e teórica.

Marcado por uma série de “não bastas” (negações), suas ideias se baseiam na negação da literatura nacional, da língua, do poder das ciências sobre a literatura, da pouca erudição de alguns produtores, uma arte pela arte, um rompimento com o localismo, dentre outros momentos de negação.

O movimento de negação do regionalismo e do nacionalismo vai ao encontro, obviamente, dos artistas e grupos que levam em seu nome os termos ‘Rondônia, Amazônia ou Brasileiro’. Como por exemplo, a Academia Rondoniense de Letras (ACLER) que apresenta em seu sítio virtual que sua fundação se deu a partir da união

de artistas “de diferentes segmentos da sociedade rondoniense, autores que contribuíram e contribuem para a formação da literatura rondoniense e brasileira” (ACLER, 2010) ¹.

Neste contexto, regionalismo é composto por artistas que assumem como pontos centrais de suas obras e de suas análises características locais ou regionais, escrevem sobre o local, seus fatos históricos, seus heróis e suas preocupações. Outro conceito para regionalismo “reduz o regionalismo a sinônimo de localismo literário, a literatura regional não passando da exploração e exposição do pitoresco, das formas típicas, do colorido especial das regiões” (SODRÉ, 1982 p. 404), enquanto uma representação artística de uma determinada região e de suas características únicas.

Pode-se perceber que a presença dos tipos e elementos regionais nas obras aqui estudadas é predominante. Neste aspecto, a literatura em Rondônia é intensamente regionalista, o que permite ao estudioso da literatura no estado estabelecer uma diferença entre regional e não regional.

O complicado seria definir o regionalismo em uma perspectiva nacional, devido ao “arquipélago literário” que o Brasil pode ser considerado (LEONEL & SEGATTO, p.138). Segundo estes autores, “a divisão tradicional em narrativas urbanas ou psicológicas, ou em urbano psicológicas e regionais não se sustenta no que se refere à história nacional” (p. 138).

Ao ponto que o regionalismo concede o sentimento (ou força, cria) de pertencimento à terra, coloca o ambiente acima das criaturas, como se este fosse um ente superior, o regionalismo:

Entende o indivíduo apenas como síntese do meio a que pertence, e na medida em que se desintegra da humanidade (...) busca nas personagens, não o que encerram de pessoal e relativamente livre, mas o que as liga ao seu ambiente, isolando-as de todas as criaturas estranhas àquele (SODRÉ, 1982, p. 404).

O regionalismo pode ser caracterizado como uma corrente entrelaçada ou simultânea ao romantismo (indianista ou urbano), que se ocupou em descrever os tipos e as paisagens tipicamente brasileiras. Após a “escolha” do indígena como símbolo nacional, os tipos mais distantes das grandes metrópoles brasileiras foram escolhidos

¹No sítio virtual da ACLER tive acesso ao histórico da instituição, palestras e publicações que foram lidas para o desenvolvimento desta análise.

como temas para a ficção brasileira. Como se após o indígena ser escolhido como herói nacional, o sertanejo, o vaqueiro e o caboclo fossem os novos elementos escolhidos por esta escola chamada regionalismo. Em Rondônia, o migrante, o caboclo, o indígena (entre outros) são estes elementos elencados.

A literatura regional é um fenômeno histórico, social e cultural concreto e com grande influência, mas é também por outro lado reconhecidamente uma construção de cunho programático e ideológico, em contato com concepções diversas como localismo, provincianismo e nacionalismo. Contra este cunho programático e ideológico e contra o localismo é que se estabelece o madeirismo.

O confronto entre regionalismo e madeirismo foi marcado por publicações de ambos os lados, baseados em crenças dos agentes engajados no campo literário, defendendo suas perspectivas no jogo interno do campo. Este confronto foi apontado em várias publicações e discutido publicamente pelos agentes do campo literário.

De acordo com estas leituras pode-se afirmar que as publicações e manifestações dos dois movimentos apontam para uma divergência de temática e forma entre os mesmos. Ao passo que o regionalismo representa as características específicas da região, o madeirismo visa uma arte que se desvincule destas estâncias do local, nacional em alguns aspectos importantes e os dois movimentos divergem em suas posições, produções e intenções políticas. A forma de análise desse confronto nesse trabalho será a teoria dos campos de Pierre Bourdieu.

2.1 Gênese e estrutura do campo literário

O campo literário brasileiro e sua história se iniciam com o evento chamado de descobrimento do Brasil. Esse início, formado pelas literaturas quinhentistas ou seiscentistas (ou de informação), passa pelas mais variadas escolas e movimentos literários, entre barrocos, românticos, modernistas e até o momento atual é marcado pelo movimento interno e contínuo de seus agentes engajados.

Este movimento é relacionado aos jogos de poder internos do campo literário e de suas produções e também da relação deste com o campo do poder, que pode ser sumariamente representado pelo Estado, pelas empresas de prensa e divulgação das

obras, e pelas formas de legitimação do que é arte Brasileira e o que não é. Uma das intenções deste campo, e pode-se afirmar que é a intenção de todos, é se inserir no espaço internacional literário.

Segundo Pascale Casanova (2002, p. 25), “o espaço internacional literário surgiu no século XVI, ao mesmo tempo em que se inventava a literatura como ensejo de luta, e ele não cessou de se ampliar e estender até então”, estes espaços se tornaram elementos de referência e disputa dos Estados Nacionais Europeus vindo a se tornar um desafio em comum após este momento. O século XVI é marcado pela expansão da visão do Europeu em relação ao mundo recém-descoberto e a formação de seus Estados Nacionais, neste contexto, a literatura surge como a “fala” destes novos Estados.

Mais tarde, no século XIX, há a transformação da arte em mercadoria a partir dos novos métodos de produção e distribuição desses bens simbólicos. A relação entre o campo literário e o campo do poder e da economia se torna ainda mais direto e se iniciam as disputas pelas autonomias dos campos, em outras palavras, os produtores se depararam com “o reino do dinheiro por toda parte, e as fortunas dos novos dominantes” (BOURDIEU, 2006, p. 64) o reino da temerosa burguesia emergente. O espaço literário mundial é composto pelos campos literários nacionais, e tem como objetivo a regulação do que é arte e do que não é. Compreender o funcionamento do campo literário é compreender como funciona no aspecto sociológico a produção literária de um espaço.

A leitura do campo social literário, das crenças, dos jogos de poder (simbólicos ou materiais) que se estabelecem no campo não define uma redução da criação literária, e sim uma nova visão, nas palavras de Bourdieu (1992, p. 16) “é simplesmente olhar as coisas de frente e vê-las como são.” Este discurso inicial proposto pelo autor afirma que, as produções literárias e artísticas em geral não são objetos apenas da interpretação literária, mas podem ser interpretadas sociologicamente, assim pode ser definida a função da sociologia da literatura.

O conceito de campo social é definido como espaço com postos estruturados e ocupados por produtores e atores relacionados com o objeto específico, e as propriedades do campo dependem das posições que se formam no interior destes. O campo social é definido pelo apontamento dos objetos de disputa e interesses e não é

percebido (ou não possui o capital simbólico desejado) por quem não participa do campo. Assim, o campo literário ou as produções artísticas Rondonienses seria formado por escritores, produtores, músicos, críticos, jornalistas que têm como objeto em comum a disposição para os outros campos do reconhecimento do que é arte e do que não é.

Todos os participantes do campo reconhecem, segundo Bourdieu, que a disputa ocorre e que posições podem ser ocupadas no interior do campo. Os reconhecimentos destas disputas e dos interesses são vitais para a manutenção do campo, em outras palavras, os congressos, manifestos, shows, sítios na rede, academias, grupos de pesquisa, são formas de disputa que mantêm o campo literário funcionando. Assim, deve existir um objeto de disputa (o reconhecimento do que é arte), indivíduos que desejem disputar o objeto (artistas, movimentos) e o conhecimento das leis do ‘jogo’, o *habitus*.

Para compreender o conceito de *habitus* é preciso fazer uma breve revisão da perspectiva de Bourdieu acerca do conceito. A reflexão de Nogueira & Nogueira (2006) sobre a teoria de Pierre Bourdieu e as formas de conhecer o “mundo social” se fundam na defesa deste autor para o conhecimento chamado “praxiológico”, que se diz “capaz de solucionar os problemas do subjetivismo e do objetivismo” (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2006, p. 26) ao passo que não analisa somente as estruturas internas, mas como elas se atualizam como se reproduzem e como são reproduzidas pelos agentes. Em outras palavras, segundo Nogueira & Nogueira (2006), as estruturas são internalizadas e voltam para o externo como afirmação do agente participante.

Nesta relação, o conceito de *habitus* se afirma enquanto uma “estrutura estruturante”, um princípio gerador e estruturador das práticas e representações dos indivíduos no mundo social. Serviria como “ponte, a mediação entre as dimensões objetiva e subjetiva do mundo social, ou simplesmente, entre estrutura e prática” (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2006, p. 27). Esta mediação entre objetivismo e subjetivismo foi uma das grandes problemáticas de Bourdieu, superada pelos conceitos de conhecimento praxiológico e *habitus*.

O *habitus* seria uma espécie de “forma” onde todas as experiências seriam filtradas e orientariam as ações subsequentes. Segundo Bourdieu, o *habitus* gerenciaria assim até mesmo as improvisações, que se baseariam nesta forma inicial gerenciada

pela estrutura estruturante. A posição de cada sujeito dentro das relações objetivas da vida social resultaria em ações e vivências que se consolidariam na forma do *habitus* de acordo com sua posição social, que por sua vez gerencia suas ações.

O conceito de *habitus* permite que se analise a questão da existência de uma estrutura social objetiva baseada em relações de dominação entre os grupos, pelo qual os indivíduos participam e colaboram para a perpetuação do conflito e dominação sem que estejam conscientes disto.

Como estas estruturas são incorporadas pelo indivíduo e se tornando parte de sua própria natureza (aqui no caso de artista rondoniense, de rondoniense, de beradeiro), os sujeitos “não precisariam, portanto, ter uma visão do conjunto da estrutura social e um conhecimento pleno das consequências objetivas de suas ações, particularmente, no sentido da perpetuação das relações de dominação” (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2006, p. 30).

Em outras palavras, os regionalistas defendem suas relações de forma inconsciente ou “natural”, defendendo as relações de dominação já internalizadas. O mesmo pode-se dizer das relações entre arte e indivíduo internalizadas pelos madeiristas. Estas duas composições de realidade social se confrontariam no âmbito do campo literário.

Nessa análise vamos entender os movimentos citados como agentes, sem adentrar na questão dos indivíduos que ocupavam posições individualmente visto que o objetivo deste trabalho é confrontar os dois movimentos dentro do campo literário e esta relação dos mesmos e a busca pela autonomia do campo.

A estrutura dos campos é mantida na relação de força entre os agentes engajados na distribuição de capital específico, o que é disputado dentro do campo. Como dito anteriormente, a disputa tem como objetivo o monopólio da autoridade específica, válida dentro do campo.

Os detentores desse monopólio tendem a conservar o domínio enquanto os recém-chegados tendem a estratégias de mudança, sob a ameaça de serem expulsos. Na disputa entre madeirismo e regionalismo, o grupo que partia das temáticas regionais detinha o monopólio do capital específico, afirmando o que é arte e, principalmente, arte de Rondônia, e a partir de suas definições do que é arte e seus conflitos para que os

sujeitos ocupassem posições dentro do campo aconteciam entre os regionalistas e eventuais participantes engajados.

A partir da publicação do manifesto Madeirista, temos a disputa entre os dois grupos pelo poder de afirmar o que é arte ou se “existe arte” sendo produzida em Rondônia. Essa disputa se materializou em publicações dos grupos envolvidos, sendo uma das destacadas a questão da exposição do “Coletivo Madeirista”² que foi vetada pela casa de Cultura Ivan Marrocos devido seu desrespeito ao espaço público e a “classe artística”.

Neste momento de conflito, o nome do “movimento madeirista” foi usado muitas vezes para invocar a posição de “baderneiros e contra a arte local”. O conflito dos grupos é representado por este evento, a exposição do coletivo madeirista, que ocorreu em 2007, mais recente que as discussões em torno do manifesto. Este conflito faz parte do jogo interno pelo domínio do capital específico do campo.

Cada movimento desse jogo, todo conhecimento acumulado de suas regras e movimentos são conhecidos e representados pelos seus participantes, e na crença particular de cada um e todos os indivíduos têm interesse em conversar o jogo desta forma. Em outras palavras, tanto regionalistas quando madeiristas concedem certo valor à arte ou acreditam estar fazendo arte, na existência da arte e suas ligações.

O campo social literário é formado por produtores, editores, críticos, etc. É caracterizado por baixo nível de codificação e alta permeabilidade com grande diversidade de postos, por esse motivo, atrai e recebe em seu meio, participantes com propriedades e convicções diferentes entre si.

Em outras palavras, o campo literário é composto por indivíduos das mais variadas classes e profissões, mas eles acreditam no jogo do campo: no valor da arte, no que é a arte, na aposta central do jogo do campo literário, que visa o monopólio de consagração de grandes produtores ou produtos, o monopólio da legitimidade da produção literária. A luta por este monopólio contribui para a reprodução contínua do

² O coletivo Madeirista é formado por “simpatizantes” do movimento Madeirista e tem como objetivo levar a “arte de Rondônia” como tem feito em suas diversas apresentações em muitos lugares do Brasil e fora deste. Fonte: www.rondoniaovivo.com.br/noticias/polemica-cultural-artistas-do-coletivo-madeirista-rebatem-nota-da-casa-da-cultura-sobre-exposicao/22285. Um dos eventos perceptíveis do coletivo em Rondônia é o “inventário das sombras”.

jogo. As hierarquias ou fronteiras que são defendidas nesta disputa são, em última instância, a defesa do próprio campo.

O campo literário deve ser o único com aval, com capacitação para legitimar o que é produção literária assim como a classificação desta. Em suma, a consagração das obras e produtores é delimitada pelo próprio campo. E é por este capital específico que os movimentos madeirista e regionalista entraram em confronto: a arte regionalista está focada no local enquanto a arte madeirista é um movimento além, sem fronteira, focada no indivíduo e suas vicissitudes.

Este poder simbólico influenciará a outros campos, principalmente os que receberão as produções do campo (todos os campos que consomem arte, como o científico, o da mídia, etc.), assim como as posições ocupadas pelos participantes do campo da produção literária. Além desta característica, o campo social é o produtor do valor das obras de arte, que reproduz um sistema de crenças do valor dessa produção e a crença no poder criador do artista, “o valor de uma obra é dada por indivíduos capacitados, ou seja, que também participem do campo das produções ou similares, instituições responsáveis pela crença no valor da arte” (BOURDIEU, 1996, p. 259).

Enquanto o regionalismo se funda como “arte original” do território, sendo propagado na mídia impressa, online e televisiva, nos “locais de cultura” (casa de cultura, mercados culturais, teatros e eventos regionais) e possui certa relação de dependência com o campo do poder, o madeirismo mantém outras relações com este campo. Não ocupa os mesmos “locais de cultura”, mas se centrou nas escolas e na Universidade Federal de Rondônia, hoje em dia é possível ver madeiristas (movimento e coletivo) ocupando exposições ou shows nestes “locais de cultura”, mas sua posição subversiva e a procura pela arte “sempre buscando revelar algo mais” são perceptíveis.

O madeirismo se posiciona como independente em relação ao campo de poder, pelo menos mais independente. Esta relação se funda em seu próprio matiz ideológico: que é contra o Estado, pela “arte crua” e balzaquiana, flutuando acima da sociedade. Estas posições do regionalismo e do madeirismo influenciam na forma que as produções são propagadas. As produções regionais ocupam maior destaque dentro da região ou como representantes da região para o grande público enquanto a literatura



madeirista, sem apoio do estado, se propaga nas redes de comunicação dos seus participantes e nos simpatizantes, dentro e fora da região.

2.2 Autonomia do campo literário em Rondônia

A discussão que se inicia agora tem como base a autonomia do campo literário e sobre a perspectiva de autonomia do campo inserida nesse confronto entre os movimentos. Para tal, apresentar o conceito de autonomia relacionando-o com o contexto analisado neste trabalho.

Bourdieu afirma que nos séculos XVII e XVIII, os salões da nobreza e da aristocracia serviriam como local de aceite e reprovação das obras literárias, apontando uma falta de autonomia³ do campo literário em surgimento. O mesmo pode-se afirmar sobre o campo literário em Rondônia, que é voltado para o Estado, para a terra e vinculado aos salões culturais. Em primeira instância, o mesmo pode ser dito dos madeiristas, sendo que um dos seus idealizadores e ator engajado é professor universitário⁴.

Pascale Casanova (2002), orientanda de Pierre Bourdieu, aponta elementos que podem contribuir para o entendimento da autonomia do campo literário de um modo geral, que tentaremos aplicar ao objeto aqui estudado. Pode-se entender que a história da literatura, assim como a história da sociologia está para a sociologia, organiza a estrutura do campo literário, gerando “grandes escritores, clássicos nacionais, regionais etc.”.

Essa história se estrutura como se fosse a própria literatura e “se tornaria ela própria o verdadeiro motor da história: os acontecimentos do universo literário adquirem sentido nessa estrutura que os produz e lhes dá forma” (CASANOVA, p. 109, 2002). Em suma, a história da literatura dá forma à literatura como recurso, diálogo e

³ A autonomia do campo literário significa que os próprios agentes do campo literário desenvolvem a importância e a tramitação das obras. Para Coutinho, (2003, p.02) pode representar a transferência da força da criação artística da coisa representada para a própria representação, a arte poder representar o real sem que outras “forças” exerçam pressão sobre o que é criado e aceito. Pode-se afirmar que é a geração da “arte pura”, desvinculada da academia e do campo social do poder.

⁴ Professor Alberto Lins Caldas, naquele momento vinculado ao Departamento de História na Universidade Federal de Rondônia.

crenças. É essa história da literatura rondoniense que se procura resgatar para dar corpo de crença e recurso para os produtores da arte em Rondônia.

Pode-se afirmar que, por um lado, os conceitos de “belo, grotesco e interessante”, ferramentas para “representar” o mundo, afirmados pelos “regionalistas” são definidos a partir de um grupo específico de “receptores e divulgadores de arte” rondonienses, não rondonienses interessados, editoras que promovem as obras do Estado, instituições governamentais etc.

Enquanto o movimento madeirista se propunha enquanto arte autônoma (ou arte pura, arte pela arte). Isto não quer dizer que a produção madeirista, como a produção de Baudelaire e Flaubert não possui um público receptor. E também não se pode afirmar a total dependência da arte regionalista, mas nas produções que aparecem para o grande público.

A diferença se encontra no processo. Os regionalistas se preocupam em produzir algo “da terra” (como afirma Badra, 1987) e por isto devem passar pelo “crivo” dos salões de arte rondoniense ou, produzem algo que se encaixe no conjunto de crenças do público e dos outros produtores de literatura. O madeirismo buscava a implantação de uma arte independente, uma arte que é diferente da arte enquanto instituição do estado, das academias, dos grupos.

A independência do campo literário se compõe da “luta” por espaços de produção de arte livre dos cânones que buscam denominar o que é arte e o que deve ser aceito pelo público, esse jogo se realiza internamente (conflitos que envolvem editoras prestigiosas, o apoio ou não do Estado, pelos grupos e academias regulamentadoras da “boa arte”) e no contato com outros campos. A produção da arte pela arte gera um desvinculo entre arte e mercado, é a utopia da arte como criação egoísta do autor.

O madeirismo, tendo como porta voz Alberto Lins Caldas, afirma que a literatura brasileira sempre esteve sustentada por uma estrutura, a chamada “oligarquia das letras”, que organizando suas estruturas internas e o grupo de participantes (segundo Bourdieu, fazendo de forma inconsciente, NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2006) a Literatura Brasileira se fundou na propagação da ideia do “verde e amarelo”, do nacional, do regional e do brasileiro.



Destacamos que no período anterior à publicação do “Manifesto Madeirista”, as produções do regionalismo se difundiam normalmente em suas relações, sendo organizadas por clubes, academias etc.

A Academia Rondoniense de Letras foi fundada em 1986. Entretanto, ao realizar a leitura de Badra (1987), tivemos contato com outro panorama da literatura no ainda Território Federativo de Rondônia. Segundo este autor, na década de 70 do século XX ocorreu uma migração sem precedentes para o território onde a população quase quintuplicou em dez anos. Com este intenso fluxo, “os nativos passaram a representar a camada minoritária da população” (BADRA, 1987, p.09). Essa característica dificultaria a afirmação do que seria uma literatura de Rondônia.

Retomando o argumento de Casanova (2002), os espaços mais dotados de autonomia são os mais antigos. Os ocupantes destes espaços autônomos definiriam o que são clássicos nacionais ou clássicos universais, isso significa que aqueles indivíduos que ocupam os espaços privilegiados no campo tendem a manter uma postura conservadora e cabe a estes indivíduos ter maiores relações com a produção do campo (relações de dominação), determinando o que é clássico e universal. O que este trabalho trata nessa questão é que antes do madeirismo há uma definição de arte e os “clássicos locais” são desenhados e bem ocupados como cita Badra (1987) em seu trabalho sobre a literatura em Rondônia. Após o madeirismo há uma mudança (ou tentativa de) neste cenário.

Sobre a autonomia dos campos literários, Casanova (2002) afirma que os espaços nacionais constroem uma relação íntima com o espaço político da nação, a autonomia destes espaços é alcançada pelos espaços mais antigos, em outras palavras “os campos literários mais antigos são também os mais autônomos, ou seja, os mais exclusivamente consagrados a literatura em si mesma e por ela mesma”. (CASANOVA, (2002, p. 113). Segundo a autora, é essa autonomia que permite aos espaços literários impor a nação seus interesses próprios, com histórias e lógicas próprias que não cedem ao político, mesmo que não seja o campo totalmente independente, mas possuindo certa maleabilidade nesta relação.

Ao “inventar” sua independência, suas problemáticas e “se constituir contra a nação e o nacionalismo”⁵ tornando-se, assim, um universo específico onde as problemáticas externas só estão refratadas, transformadas, retraduzidas em termos e com instrumentos literários (CASANOVA, 2000, p. 113), contra as reduções nacionais. A autonomia do campo literário proposta pelo madeirismo (quando este se diz contra o Brasil e a favor da arte) traduz essa afirmativa sobre a autonomia para o campo literário rondoniense. Ser “contra o Brasil”⁶ é ser a favor da “arte pura” e da autonomia do campo literário.

A existência de um laço que une a história da literatura à nação no momento da fundação nacional (do pensamento nacional), afirma Casanova, que é o “tempo que permite que a literatura se liberte do tempo (da história)” (CASANOVA, 2000, p.114), e se hoje existem espaços onde a literatura é atrelada a nação, é porque este laço ainda é poderoso, graças à língua e as representações, sendo estes escritores (nacionalistas e regionalistas) os guardiões em nome da conservação.

O campo literário em Rondônia é pouco autônomo, e por isso, ligado ao poder político e a nação. O madeirismo e sua escrita (produção, manifestos e outras manifestações) são contra a língua, não seguindo a norma culta, contra a conformidade ortográfica.

O campo literário é considerado, se confrontado com o poder econômico, como um “mundo econômico invertido”, os seus participantes têm interesse no desinteresse, provando em muitos casos a autenticidade das obras pelo fato de que esta prática não gera nenhuma remuneração. Entretanto, por mais livres que estejam das negociações externas, os escritores são “atravessados pela necessidade dos campos englobantes, a do lucro, econômico ou político” (BOURDIEU, 1996, p. 246), não podendo nunca ser totalmente autônomo.

⁵O conceito de literatura mundial em Goethe é explicado em torno do conceito da *Weltliteratur*. Goethe aplica a este conceito o que chamamos de intercâmbio e comunicação intelectual entre os produtores, o que há de comum entre as culturas sem que se apaguem as individualidades. O objetivo da *Weltliteratur* é fomentar o intercâmbio das produções literárias (e culturais) entre os povos a partir de resenhas, traduções, etc. E se combina com a prática da tolerância e aceitação das diferenças entre os humanos.

⁶ “Contra o Brasil” é um blog administrado desde 2004 pelo Professor Alberto Lins Caldas, participante e “ponta de lança” do Madeirismo. No mesmo, o autor faz reflexões sobre o que é o Brasil, sobre liberdade, história, hino, etc. Pode ser acessado em <http://contra0brasil.blogspot.com>.

Temos aqui a apresentação de um conflito interno do campo literário, que geram dois princípios de hierarquização, o heterônimo, que favorece os que dominam o campo de forma econômica e política, e o autônomo que representa a arte pela arte. O conflito entre os que defendem a “arte pura” e os que defendem a “arte burguesa ou comercial” visa impor os limites do campo aos seus próprios interesses. Estes limites conflitantes do campo literário são caracterizados pela diferença exponencial.

O princípio da hierarquização externa, característica da “arte burguesa” é medido pelo índice de sucesso comercial (literatura comercial) ou de notoriedade social. Já o princípio de hierarquização interna, grau de consagração específica, favorece os artistas conhecidos e reconhecidos por seus pares e unicamente por eles, que não atendem à demanda do grande público, por consequência, característica da “arte pura”, arte pela arte (Bourdieu, 1996). A independência (arte pela arte) ou subordinação (arte comercial) com relação à demanda do grande público e às sujeições do mercado, adesão dos valores de desinteresse e o volume do público constituem, sem dúvida, o indicador mais seguro da posição ocupada no campo.

O que a dicotomia entre arte burguesa, arte comercial ou arte do estado e a “arte pela arte” representa neste trabalho é que, em primeira instância, a arte regionalista é fundada no princípio da arte burguesa, da arte pelo estado, sendo vendida largamente em tempos de vestibular para a Universidade Federal, com seus lançamentos públicos, incentivados pelos programas de financiamento do Estado enquanto a literatura madeirista passa por aspectos de regulação interna ao campo.

3. Considerações finais

Pode-se afirmar que os dois movimentos buscam a autonomia do campo, que é uma das buscas constantes do campo. A autonomia visada pelos autores regionalistas tende a vincular a produção ao Estado, projetos de publicação e regulação da cultura local. Por um lado, há uma maior divulgação e expansão da produção local, mas há longo prazo gera outro cenário. Nesse cenário, toda arte conhecida e reconhecida enquanto Rondoniense é aquela arte que o Estado aprovou e financiou, transformando

os projetos em novas formas de submissão do artista aos salões de cultura do século XVII.

Autonomia não é sinônimo de publicação e divulgação em larga escala, mas sim de maior liberdade de produção e reconhecimento do que é arte pelos próprios agentes e não pelos agentes financiadores privados (campo econômico) ou estatais (campo do poder). Ao vincular a publicação a estes elementos reguladores temos, em longo prazo, uma literatura com a expressão dos outros campos, pouco autônoma.

Neste sentido, o movimento madeirista se compõe, novamente, enquanto um elemento contrário. Ele se distancia do Estado em suas produções, é categórico em sua posição política, se desliga da região, da letra, dos símbolos nacionais em prol de uma literatura que pode até representar estes símbolos, mas não se prender unicamente a eles. Um dos limites apontados ao madeirismo é sua forma de atuação, que mais exclui do que atrai.

Mas em sua essência, o movimento madeirista visa à autonomia do campo Rondoniense. Pode-se afirmar que essa vontade de maior liberdade deve ser associada à vontade de geração de uma arte que valorize os artistas locais do cenário Rondoniense. Não se pode, por puro egoísmo, negar as contribuições de um grupo ou de outro, o diálogo que compõe o título desse trabalho deve substituir a palavra confronto, utilizada em outros.

4. Referências

BADRA, Edson Jorge. **Literatura em Rondônia**. Série Caderno Cultural. Governo do Estado de Rondônia, Secretaria do Estado de Cultura, Esportes e Turismo: Porto Velho: 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1992.

_____. **A Economia das Trocas Linguísticas**. Edusp, São Paulo, 2008.

CALDAS, Alberto Lins. **Notas sobre literatura e arte**. Porto Velho. Revista Primeira Versão (UNIR). Edufro, 2001.



- _____. **Litera Mundi: Contrapontos sobre Literatura.** Porto Velho, Edufro, 2002.
- _____. **Que é o Madeirismo.** In *Madeirismo: Ensaio Liberto.* Caderno de Criação 24, Ano VII, Dezembro, Porto Velho, 2000.
- _____. **Literatura em Rondônia?.** In *Madeirismo: Ensaio Liberto.* Caderno de Criação 24, Ano VII, Dezembro, Porto Velho, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária.** 7ª Edição, São Paulo, Editora Nacional, 1985.
- _____. **Formação da Literatura Brasileira.** II Volume, Editora Itatiaia, São Paulo, 1997.
- CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras.** Tradução Marina Appenzeller. Estação Liberdade, São Paulo, 2002.
- COUTINHO, Fernanda Maria Abreu. **Pierre Bourdieu e a Gênese do Campo Literário.** Revista de Letras, nº25, Volume 1, 2003.
- LEITE, Lígia. **Velha Praga? Regionalismo Literário Brasileiro.** In Pizarro A. (org). *América Latina: palavra, literatura e cultura.* V.2. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 1994, p. 665-702.
- LEONEL, Maria Célia. SEGATTO, José Antonio. **O Regional e o Universal na representação das relações sociais.** Revista Cerrados, UNB, nº 28, Ano 18, 2009.
- MENDES, Matias. **A Fronteira e seus Heróis.** ACLER. Disponível em www.acler.com.br em 29 de maio de 2011, às 10h42min.
- MOREIRA, Carlos. **Quem tem medo do Madeirismo?** Portal Alberto Lins Caldas. Disponível em www.albertolinscaldas.unir.br, em 04 de Janeiro de 2012.
- NOGUEIRA, Maria Alice & NOGUEIRA, Claudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação.** 2ª Edição, Belo Horizonte, Editora Autentica, 2006.
- PEREIRA, José Valdir. Discurso de encerramento de mandato Biênio 2008/2009. ACLER. Disponível em www.acler.com.br em 24 de maio de 2011, às 11h12min.
- SILVA, Joesér Álvares da. **Net.Arte: A imanência das redes na história das artes.** Trabalho monográfico, História, UNIR, 2003.
- _____. **Madeirismo na Bienal.** In *Caderno de Criação*, ano VII, nº 24, Porto Velho, 2000.



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. 7ª Edição. Difel, São Paulo, 1982.

TOLSTOI, Liev. **O que é arte**. Ediouro, Rio de Janeiro, 2003.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo. Editora Cortez, 2001.